

O cotidiano oculto



Carlos Barth

O COTIDIANO OCULTO

Crônicas e contos

Por

Carlos Barth

Macaé / RJ - 2021

Contatos:

E-mail: carloshenriquebarth@yahoo.com.br

Telefones: (22) 999076641 e (22) 27573727

Medium: <https://medium.com/@carloshenriquebarth>

Imagem da capa: obra “Um par de sapatos” (1888), de Vincent van Gogh (1853–1890)

ÍNDICE

Prefácio.....	4
Déficit de atenção.....	5
Quem é o líder?.....	7
O muro.....	10
Sobre memórias, lembranças e devaneios.....	14
Sobre fuzileiros e idiotas.....	16
Não temo a morte, mas... ..	18
A prova de Abraão.....	20
Velhice.....	23
O inimigo entre nós.....	25
Próximos pelo lixo.....	27
O espelho do cego.....	30
Em conexão.....	32
A mancha sombria.....	33
Café de sapo.....	35
Sobre perguntas, questionamentos e um pai em apuros.....	37
Marcelinho.....	40
Quarentena.....	42
Catimbau.....	43
Posfácio.....	45

Prefácio

“O cotidiano oculto” é uma tentativa de apreender o complexo que mora no trivial. Afinal, escrever crônica é tentar enxergar além do óbvio, ver o que é evidente e, por isso mesmo, ignorado. Escrever crônica é fazer do cotidiano uma arte.

A arte existe porque a vida não basta, já dizia Ferreira Gullar. Arte e cultura são partes da nossa vida e sem ela a existência se torna vazia e superficial. Este livro mostra a beleza e brutalidade do cotidiano, nossas facetas nobres e obscuras. Ou seja, mostra a complexidade que trazemos dentro de cada um de nós e que nos torna humanos.

“O cotidiano oculto” nos mostra que há arte no sangue no asfalto, no ato heróico do pescador que encara o mar bravio, no menino de pernas tortas que sonha ser jogador de futebol. Há arte até mesmo na lata de lixo.

Déficit de atenção

Agora, olhando em retrospectiva, percebo que minha prisão se deu devido a uma série de coincidências e mal entendidos. Não, doutor, não nego que essa ficha aí seja minha. Realmente, já pisei na bola, mas tenho andado na linha faz um bom tempo. O que fazia no cativado? Parece loucura, mas vou explicar tudo ao senhor.

Bom, tudo começou nessa manhã quando saí de casa para trabalhar e percebi que meus cigarros mentolados haviam acabado. Aí aconteceu o primeiro mal entendido. Quando desci o morro e perguntei ao garoto na esquina onde poderia comprar “aquele cigarrinho especial”, estava me referindo à eles, meus cigarros mentolados. O problema é que, na hora *agá*, me faltou a palavra certa. Isso me ocorre às vezes, tenho um problema sério para encontrar as palavras corretas. Sofro de transtorno de déficit de atenção. Pode dar um *google* aí, doutor.

Claro, achei estranho quando o garoto foi me guiando pelo meio das vielas. Ele portava um fuzil?! Poxa, nem reparei. Não lhe disse que sou desligado, doutor? Transtorno de déficit de atenção. Pode dar um *google*. Como disse, até estranhei, mas esses cigarros são mesmo difíceis de encontrar e sempre fui da opinião que a gente tem que prestigiar o comércio local, da comunidade. Por isso segui o garoto até o local onde esperava encontrar meus cigarros e onde, por coincidência, estava esse senhor.

Se o reconheci? Vagamente, doutor. Sim, até vejo o noticiário às vezes, mas normalmente não presto muita atenção. Fico só aguardando o último bloco das notícias pra ver os gols do mengão. Ouvi falar do bacana que havia sido sequestrado, mas nunca imaginei que seria ele.

Por que corri quando a polícia chegou? Força do hábito, doutor. Mas juro que não tenho o que esconder, sou um homem mudado. Estava lá só pelo meu cigarrinho mentolado. Sobre o revólver encontrado comigo, não tenho ideia de como ele foi parar na minha cintura. Deve ter alguma coisa a ver com esse meu transtorno. Déficit de atenção, doutor. As coisas me acontecem e eu não percebo, não lembro. O médico me pediu uma chapa da cabeça, mas o plano não cobria e acabei deixando pra lá.

Sei que minha situação é difícil, que meus álibis são falhos, mas juro que as coisas ocorreram tais quais foram por mim narradas, doutor. Lhe dou minha palavra que estou

limpo. Se me meti em apuros, foi por conta desse meu transtorno. Déficit de atenção, pode dar um *google* que o senhor vai entender. Tudo não passa de um mal entendido. O senhor acredita em mim, doutor, não acredita?

Quem é o líder?

Final de tarde, estou na sala relendo “O velho e o mar”, de Hemingway, quando Angelina, 5 anos, se aproxima e pergunta:

- Paiê, posso fazer <coloque aqui qualquer coisa que os educadores falam que não é bom pra criança mas que, às vezes, você deixa só pra não parecer o pai mais chato do mundo>?

- Tá bom. Mas só um pouco!

Volto a me concentrar na leitura, agoniado pela luta de Santiago para fisgar o marlim-azul.

Apesar de ter o aval do pai, aos 5 anos de idade Angelina já sabe por experiência própria que é melhor confirmar com a mãe qualquer coisa que o pai autorize para evitar problemas futuros. Vai até o atelier onde a mãe costura e solicita autorização para fazer <coloque aqui qualquer coisa que os educadores falam que não é bom pra criança mas o pai autorizou só pra parecer um pai legal>.

- Claro que não! – é a resposta da mãe

Angelina, bufando, retorna à sala.

- Paiê, pedi pra mãe e ela disse que não pode.

- Então não pode, ué.

- Mas você disse que podia...

- Mas se a mãe falou que não pode, então não pode.

Angelina sai resmungando algo sobre falta de liberdade e ir embora de casa. Isso aos 5 anos de idade!

Retorna alguns minutos depois:

- Paiê!

- Que foi?

- Afinal, quem é o líder aqui em casa?

Acometido de súbita taquicardia, abandono a leitura bem na hora em que Santiago lutava com os tubarões para salvar o peixe. Temos aqui um problema bem mais sério, penso. Santiago e seu marlim-azul podem esperar.

- Veja bem, minha filha, aqui em casa a gente adota um regime democrático, cada um tem direito à sua opinião e...

- Eu sei, eu sei – atalha a menina, visivelmente descrente da democracia - Eu só quero saber quem é que manda aqui em casa.

Sinto que piso em campo minado. Um passo em falso e Bum!, minha reputação como chefe de família vai pro espaço. Como explicar para uma criança de 5 anos as complicadas relações de poder existentes em um relacionamento?

- Olha, filha, na verdade não existe um líder. A gente procura fazer tudo de comum acordo...

- Eu acho que um negócio desses não funciona direito!

-Que negócio?

-Isso, de não ter um líder. Tem que ter um que manda e outro que obedece, senão não dá certo!

Na lata. Como lidar com a sinceridade de uma criança? Só abandonando a diplomacia e a democracia e apelando pra velha e segura autoridade paterna.

-Então é assim? Então eu mando e você obedece. Vai pro seu quarto que eu sou seu pai e você está de castigo!

Angelina sai resmungando algo sobre não ser minha filha legítima, mas ter vindo de um centro de “adoção”, além de reiterar suas ameaças de ir morar sozinha... 5 anos! Imaginem quando essa menina estiver na adolescência!

Abandono a leitura e me pego olhando o horizonte. Imagino estar em uma jangada em alto mar lutando com tubarões para proteger um marlim-azul gigante fisgado após dias e noites de luta ininterrupta. Seria mais fácil do que lidar com Angelina aos 5 anos.

O muro

- Então, doutor? O que lhe parece o muro?
- Mas Seu Zé, esse muro está torto!!!
- Ora, ora, doutor. Não fale uma coisa dessas...
- Olha lá! O muro está tortinho, tortinho! Que palhaçada é essa?
- Fique calmo, doutor. Não se exalte...
- Como ficar calmo, Seu Zé? Lhe paguei tudo certinho, até adiantado, e o senhor me faz o muro torto?!
- Torto em qual sentido?
- Como assim, em qual sentido? No sentido de que não está reto, ué! Não está no prumo, ora bolas!
- Desculpa doutor, acho que não me expressei bem. Não precisa ficar nervoso. Eu sei o que é torto.
- Sabe? Pois não parece. Lhe pago em dia, tudo certinho, e o senhor me apronta uma dessas!
- Calma doutor. Eu quis dizer em qual sentido, mas o que eu queria saber era qual eixo do plano cartesiano o senhor usou como referencial para afirmar que o muro está torto.
- Como é que é? O senhor só pode estar brincando comigo!
- De forma alguma, doutor. Longe de mim brincar com uma pessoa tão distinta como o senhor. Sou um humilde pedreiro. Conheço meu lugar.
- Pois não parece! Chegou aqui todo humilde, choramingou um adiantamento contando um monte de histórias tristes, e agora está todo cheio de conversa pra não admitir que fez o muro torto!

- Mas doutor, o que eu estou tentando explicar ao senhor é que o muro não está torto.

- Como não está torto!!! É visível que está torto! Olha ali! Tortinho, tortinho!

- Por favor doutor, se acalme e me deixe explicar porque o muro não está torto.

- Você quer explicar? Pois então explique pra mim como o senhor, recebendo o pagamento direitinho, até adiantado, me fez um muro torto.

- Me ouça, doutor.

- Vamos lá. Sou todo ouvidos.

- Pois bem. Vou fazer uma pergunta ao senhor.

- Pois pergunte.

- Qual a forma da Terra?

- Isso só pode ser uma brincadeira...

- De forma alguma, doutor. Sou um homem humilde, porém honrado. Jamais brincaria com um cavalheiro tão distinto como o senhor.

- Então me explique porque o senhor fez o muro torto!

- Mas doutor, é o que estou tentando explicar. Por favor, estou sendo honesto com o senhor. Me diga qual a forma da Terra.

- Ora, bolas. Todo mundo sabe que a Terra é redonda!

- Aí que está o erro, doutor. Por isso o senhor está enganado. A Terra não é redonda.

- Como assim a Terra não é redonda? Você nunca viu um globo desses de biblioteca? Até uma criança sabe que a Terra é redonda!

- Doutor, a Terra não é redonda. O elipsóide de revolução comumente usado para representar a Terra nada mais é do que uma simplificação didática para descrever um modelo que, na realidade, é muito mais complexo.

- Como é que é??!!

- Na verdade a Terra é um geóide e a forma geométrica que mais se aproxima dela é a de um esferóide oblato achatado nos pólos.

- Esferóide o quê?

- Oblato. Que tem o semi-eixo de rotação menor que os outros semi-eixos.

- Estou pasmo...

- Além disso, o senhor não está considerando o efeito de paralaxe da sua visão em relação ao muro.

- Efeito do quê?

- Paralaxe.

- Vixe, Maria!

- Logo, se o doutor usar o referencial correto e considerar a observação a partir da superfície de um geóide com a forma geométrica de um esferóide oblato, sem desconsiderar o efeito de paralaxe resultante da visão do ponto onde o senhor está situado em relação ao muro, o doutor, que é um homem inteligente, vai concordar comigo que o muro não está torto.

- Realmente, não tinha analisado sob essa perspectiva...

- O doutor é um homem muito ocupado...

- Pois é, essa correria...

- Acontece, doutor.

- Seu Zé, o senhor me desculpe. Não imaginava que o senhor fosse um homem tão culto.

- Que isso, doutor. Sou um humilde peão.

- Que nada, o senhor fala igualzinho meu antigo professor da faculdade.

- Quem me dera, doutor.

- Olha, vou contar lá na firma que meu pedreiro é um gênio da construção civil.
- Que isso, doutor. Assim o senhor me deixa até sem graça.
- Não fique, não. Um pedreiro com todo esse conhecimento não se encontra todo dia!
- Poxa, doutor. Muito obrigado pelo reconhecimento.
- E tome aqui mais um trocadinho de bônus pela aula de hoje.
- De forma alguma, doutor. Não posso aceitar. O senhor já me pagou tudo, até adiantado.
- Deixe de cerimônia, homem! Aceite logo esse dinheiro. Você merece!
- Obrigado, doutor. Vou aceitar só porque estou precisando do leite das crianças...
- Vamos, homem! Deixe de cerimônia. Pegue logo esse dinheiro.
- Muito obrigado, doutor.

Doutor foi pro trabalho satisfeito por ter contratado um pedreiro tão capacitado para a construção do muro. José Ricardo, o “Seu Zé”, voltou pra casa preocupado pois não sabia até quando seus conhecimentos teóricos de ex professor universitário seriam suficientes para livrar sua pele na nova profissão. O muro continuou lá. Tortinho, tortinho.

Sobre memória, lembranças e devaneios

Sou capaz de lembrar com riqueza de detalhes eventos irrelevantes que aconteceram há muitos anos ao mesmo tempo em que esqueço as coisas mais óbvias. “Em que ano estamos?”, pergunto à minha esposa que me olha como se estivesse frente a um estranho ou um louco. Mas, se me pedirem, canto sem titubear o tema da campanha de Ulysses Guimarães nas eleições de 89. Tenho a capacidade, também, de ficar impressionado com fatos que costumam passar despercebidos pela maioria das pessoas. E alguns desses fatos costumam me vir à memória de forma recorrente, provocando sensações como se tivessem acontecido há instantes.

Tal qual uma noite, há cerca de quinze anos, quando voltava do trabalho e o ônibus parou no sinal vermelho. Desafortunadamente, logo ao lado de minha janela havia uma mulher caída no chão, morta. Havia sido atropelada. Era uma moça bonita, jovem, vestindo blusa branca e saia de algodão azul. Roupas humildes, simples. Era morena, tinha uma vasta cabeleira negra e crespa, pousada sobre uma poça de sangue que, não sei por qual razão, me lembrou o halo de uma santa. Uma auréola vermelha circundando sua bela cabeça. A bicicleta, com o guidão e roda dianteiros tortos, estava caída a seu lado. Um grupo de curiosos observava seu corpo.

Quanto tempo fiquei parado naquele semáforo? Talvez uns 30 segundos. Pouco tempo, mas o suficiente para compor em minha mente toda uma narrativa sobre a vida daquela moça. Tive certeza absoluta que seu nome era Rita. Por quê? Não sei dizer. Talvez tenha me ocorrido o nome devido a impressão do halo vermelho ao redor da cabeça, que instintivamente associei a Santa Rita de Cássia, minha santa de devoção. Por momentos que duraram uma eternidade pensei naquela desconhecida que teve a vida bruscamente interrompida. Teria namorado? Provavelmente. Tão bonita... Imaginei a casa simples onde era aguardada. A preocupação dos pais. Rita está demorando e essa cidade está tão violenta. “Onde está essa menina que não chega? Estou começando a ficar preocupada...” diria sua mãe neste momento.

Teria irmãos. Muitos, com os quais dividia a pequena casa na periferia. Por isso, desde muito jovem, Rita trabalhava como doméstica para ajudar na renda familiar.

Também por isso havia abandonado a escola, onde aprendeu somente o básico. Ia e voltava ao trabalho de bicicleta, para economizar. O pai era alcoólatra, embora fosse um bom homem. A mãe havia sido bonita como ela quando jovem. Hoje era uma mulher triste e envelhecida pela vida difícil e pelas expectativas não realizadas. Rita tinha muitos sonhos. Casar com um rapaz honesto e trabalhador, ter filhos, uma casinha. Todos sonhos abortados.

Me vieram à mente as palavras de Bukowski. “Às vezes, não há nenhum aviso. As coisas acontecem em segundos. Tudo muda. Você está vivo. Você está morto. E as coisas continuam.” O sinal abriu e o ônibus seguiu seu caminho. Rita continuou lá, sem vida, estirada no asfalto, a cabeça pousada no halo de sangue. Continuou lá e na minha mente por alguns dias. Até que a imagem foi se desvanecendo, perdendo força ante os eventos cotidianos, até sumir por completo, voltando em cores vivas de tempos em tempos em meus devaneios. A vida continua.

Sobre fuzileiros e idiotas

Quando ingressei no Corpo de Fuzileiros Navais, em 1998, havia em meu pelotão um cara enorme, do tamanho de um armário. Parecia o Rambo. Alto, forte, falastrão, destacava-se dos demais. Do alto de meus pouco mais de metro e sessenta e cinquenta quilos, parecia-me que aquele recruta era a personificação do que se esperaria de um fuzileiro naval. Não poderia estar mais enganado.

O troglodita impressionou bem a nós, recrutas. Entretanto, os instrutores tinham o olho treinado para distinguir uma fraude. Caíram encima dele como abutres na carniça e o bombadão não aguentou nem dois dias de terror psicológico até acabar em um pranto desconsolado na frente de todos como uma criança desamparada. Pediu pra sair. Que decepção! Quebrou fácil.

Outros deram mais trabalho, inclusive o cara que não aguentou o tranco mas também não suportava a vida miserável que levava lá fora e tentou o suicídio ingerindo um frasco de polidor de metais. Menos mal que foi na primeira semana. Imaginem se um cara desses já tivesse tido acesso à um fuzil!? Não teria como resolver com lavagem estomacal.

O restante de nós, em geral, era o oposto do troglodita chorão que havia me impressionado. Éramos esquisitos, tortos, feios, desajustados. Estávamos totalmente fora do perfil que se esperaria de um fuzileiro da Marinha do Brasil. Uns gordos demais, a maioria magros demais. Passávamos longe do estereótipo do fuzileiro americano dos filmes. Havia um recruta em particular, o Cosme, que chegava a me inspirar pena. Olhava pra ele e não via um fuzileiro de jeito nenhum. Magro, esquelético, insípido. Me parecia que aquele cara era absolutamente inadequado para o serviço da pátria. Eu era um idiota por pensar assim, mas quem não o é aos 18 anos?

Alguns estavam lá por idealismo, a maioria por necessidade. Éramos pobres e a Marinha era uma tábua de salvação. Não existe maior motivação do que uma barriga vazia. Deviam avisar isso aos *coachs*.

Naquelas 13 semanas infernais do recrutamento houveram muitos momentos difíceis, mas um em especial tenho vívido na memória pois me serviu como uma grande lição. Era o término do primeiro período de treinos no campo, hora de regressar ao quartel, mas chovia e a estrada estava intransitável e por isso tivemos que correr alguns quilômetros até o ponto onde o ônibus conseguia chegar. Isso depois de vários dias praticamente sem dormir, treinando dia e noite.

Correndo de mochila e fuzil, exaustos, alguns recrutas eram amparados pelos colegas. Correndo a meu lado, lembro quando o Jorge apagou antes que eu conseguisse segurá-lo. Ele caiu em uma vala ao lado da estrada e prontamente foi “estimulado” a levantar por dois instrutores. Olhava aterrorizado enquanto os instrutores, aos gritos, chutavam o corpo do recruta desacordado. A primeira grande lição do dia foi ver nosso médico, Tenente Webber, um rapaz educado, pacato, defendendo o recruta caído como um leão defenderia sua cria.

Continuamos a corrida e não muito tempo depois senti a vista turva, perdi o controle das pernas e quando ia cair senti alguém segurar meu braço com firmeza. Era Cosme, aquele que me inspirava pena. Me amparou, me ajudou. Quando tudo ficou preto e ia desmaiar, Cosme rasgou um sachê de mel e me fez beber para recobrar a consciência. Cosme, o cara que me parecia inadequado para o serviço da pátria. Naquele dia aprendi uma lição que nunca mais esqueceria. Aprendi que aparências não querem dizer absolutamente nada e que é só na hora do sufoco que as pessoas mostram quem realmente são. Aprendi, também, que às vezes quando você vai cair a ajuda vem de quem você menos espera. As pessoas podem falar o que quiserem, mas quando a situação apertada é que vemos quem é homem de verdade. Cosme era homem, era uma fortaleza. Cosme era um fuzileiro de verdade. Já eu, era um idiota.

Não temo a morte, mas...

Estou chegando naquela idade em que a morte deixa de ser algo que só acontece com os outros e passa a ser uma vaga ameaça no horizonte. Não que esteja mal, muito pelo contrário. Acaso fosse em algum médico tenho certeza que o mesmo atestaria que estou em excelente forma. Só não vou porque doutor é danado pra achar problema onde não tem. Por via das dúvidas, vou tentando salvar o espírito e lendo os clássicos antes de partir dessa pra melhor.

Penso que lido relativamente bem com a ideia de que a vida é finita. Alguns anos estudando e tentando praticar o budismo ajudam a aceitar o inevitável, embora não tenha a sabedoria de minha filha Angelina, que aos 6 anos, um dia me perguntou de sopetão “Pai, quando você morrer posso ficar com seu computador?”. Achei uma postura muita elevada e um tanto quanto pragmática. Foi uma clara demonstração de que ela está melhor preparada para minha passagem do que eu mesmo. De qualquer forma, talvez seja melhor dar um *tablet* pra essa menina.

Já tive alguns sonhos lúcidos em que estou em meu próprio velório e são um tanto quanto perturbadores, mas a experiência mais pesada no que se refere a sentir o bafo da morte no cangote foi quando era fuzileiro naval, lá na era Mesozoica. Voávamos de Florianópolis a Pelotas num Hércules C-130 da Força Aérea quando uma das turbinas pegou fogo. Naquele dia, realmente, achei que não escaparia.

Curiosamente, a possibilidade real de óbito não me assustou. O que senti foi um misto de incredulidade, indignação e sensação de estar sendo zombado pelo destino. “Não acredito que vou morrer com 21 anos. Que sacanagem!”, era o único pensamento que me ocorria. Recordo que todos se comportaram com extrema dignidade. Não houve desespero ou choro. Se alguém aproveitou aqueles momentos de apreensão para tentar salvar a alma do purgatório, o fez em silêncio. Na hora não me ocorreu, mas poderia ter dito algo como “Senhores, foi um prazer ter servido a seu lado” como nos filmes americanos. Soaria um tanto quanto canastrão, mas seria uma boa frase de despedida caso tivéssemos nos esborrachado no chão.

Mas naquele dia a morte já devia ter batido sua cota diária de almas e não precisou levar um punhado de fuzileiros. Após duas arremetidas o piloto conseguiu pousar aquele trambolho – a saber, o Hércules C-130 - na pista ao mesmo tempo em que um caminhão dos bombeiros se aproximava e apagava o incêndio na turbina. Não foi daquela vez e espero que ainda demore um pouquinho, até porque tenho um ciúme danado desse computador.

A prova de Abraão

Em sua longa carreira o delegado Pilatos já tinha visto de tudo. Filho matar o pai? Comum. O contrário, pai matar o filho, não era tão corriqueiro, mas acontecia. Entretanto, com esse enredo inusitado jamais havia visto. Olhou com certa curiosidade para o acusado à sua frente, Abraão da Silva, 133 anos (certamente houve algum erro de digitação nesse registro), casado, aposentado, residente na comunidade de Nova Harã, sem antecedentes criminais.

- O que o levou a tentar matar seu próprio filho, vovô?

- Era uma prova de fé ao meu Senhor. Ele me ordenou “Toma agora o teu filho, o teu único filho, Isaque, a quem amas, e vai-te à terra de Moriá; e oferece-o ali em holocausto sobre uma das montanhas, que eu te direi.”

É doido mesmo, não há dúvidas. Basta lavrar a ocorrência e chamar o psiquiatra para atestar a insanidade mental. Quanto ao filho, Isaque da Silva, 33 anos, autônomo, residente à mesma comunidade já citada, é preciso encaminhar para o Serviço de Assistência Social. Provavelmente vai ter que comparecer à algumas consultas com um psicólogo. O rapaz passou um perrengue difícil de superar. Não fosse a patrulha da Polícia Militar passar na hora certa teria sido morto pelo próprio pai. Do mandante do crime, o tal “Senhor” de Abraão, não havia nenhuma informação que comprovasse sua existência. Nada. Nenhum documento, cadastro ou perfil em rede social. Nem ao menos um retrato falado foi possível elaborar pois o próprio executor do crime tinha dificuldades em descrevê-lo. Ao que tudo indica não o tinha visto, apenas escutado sua voz. Aliás, que “Senhor” é esse que pede para um pai matar o próprio filho como prova de fé? Deve ser coisa de magia negra.

- Meu senhor, vou lhe expor os fatos. O senhor está enrascado até o pescoço. Foi pego em flagrante tentativa de homicídio com o agravante de que a vítima era seu próprio filho. Seu filho único! O senhor premeditou o crime levando-o até o topo da comunidade e o amarrando. Para agravar, fez isso tudo induzido por um motivo fútil: uma tal “prova de fé” ditada por uma “voz” dentro da sua cabeça. Consegue perceber como qualquer

um o julgaria um louco perigoso? No entanto, você não me parece um sujeito ruim. O senhor é um homem idoso e eu realmente quero te aliviar e te diagnosticar como desequilibrado mental para você ir para uma Colônia Penal. Caso contrário, tu vais amargar o resto da vida na penitenciária no meio de um monte de bandidos de verdade.

- Eu não sou maluco! – exaltou-se Abraão – Fiz somente o que me ordenou meu Senhor!

Era um caso perdido. Melhor chamar logo o repórter, que esse é um prato cheio. O sacana iria ficar devendo uma à Pilatos. Podia ver a manchete: “Lunático ouve vozes e tenta matar o próprio filho!” Primeira página, com certeza, ao lado do novo reforço do Flamengo. Se imaginasse que sairia no jornal teria feito a barba. Se bobear aparece até o repórter da TV por aqui.

Bom, não há muito o que ser feito. Melhor chamar logo o escrivão e registrar a ocorrência. Em suma, foi relatado pelo sargento Longino, do 33º Batalhão, que às 21 horas do dia corrente, no alto da comunidade Monte Moriá, o indivíduo identificado como Abraão da Silva foi surpreendido em flagrante delito tentando assassinar seu próprio filho, Isaque da Silva, com um cutelo (anexado aos autos do processo). A vítima encontrava-se imobilizada por cordas. O agressor foi rendido e preso pelos policiais enquanto a vítima era socorrida pelo SAMU em estado de choque. Isso é o suficiente para descrever o cenário, depois o escrivão enche de abobrinhas para dar uma engordada no texto.

Pilatos estava intrigado com a postura do acusado. O ancião parecia convicto do que fez e nem um pouco arrependido. Uma curiosidade mórbida acometia o delegado.

- E se o senhor recusasse? O que aconteceria?

Pela primeira vez Abraão pareceu confuso. Jamais havia lhe passado pela cabeça descumprir uma ordem do seu mestre.

- Não sei... – balbuciou – acho que seria castigado...

- Castigado você será pela justiça dos homens! – Pilatos deu um soco na mesa, perdendo a paciência - Levem esse demente daqui e só me chamem quando chegar o repórter!

Sozinho na sala, recostou-se na cadeira e jogou os pés por cima da escrivaninha. O plantão ainda estava na metade, tinha uma madrugada inteira pela frente. Acendeu um cigarro, tragou a fumaça e fechou os olhos. Fizera o que era possível para aliviar a barra do velhinho. Lavava suas mãos.

Velhice

É difícil distinguir o exato momento em que deixamos de ser jovens para nos tornarmos velhos. Muitos podem discordar que haja tal instante e entender que esse processo é lento e gradual, que vamos mudando aos pouquinhos e quando menos esperamos estamos nos comportando de forma estranha, nos aborrecendo nas festas, inventando mil e uma desculpas para não sair de casa ou até mesmo – pasmem! – dormindo de pijamas. Concordo em parte com essa teoria do envelhecimento gradual, no entanto, acredito que exista um momento simbólico, divisor de águas, quando nos despedimos do frescor da juventude para adentrar na época mais sábia da vida. De minha parte, identifico esse momento como o dia em que comprei um DVD da dupla Milionário & José Rico.

Alí me ficou claro que um ciclo se encerrava e iniciava-se outro. Sim, estava ficando velho. Assim mesmo, sem meios termos ou eufemismos. Velho. E digo mais: estou chegando na casa dos 40 disposto a não cair em certas armadilhas simplistas que costumamos ver por aí. A primeira é nunca usar o termo idoso. Quero ser velho, com tudo o que essa palavra implica. Idoso é um eufemismo que me remete à alguém doente, frágil. Velho me faz pensar em algo que tem história, que tem bagagem. Algo que foi usado e muitas vezes pode até estar um tanto quanto roto, mas que denota experiência, vivência. Tenho orgulho de meus cabelos brancos e das marcas que a vida me imprimiu. Resumidamente, prefiro ser velho.

A segunda armadilha seria a ideia de que idade é uma questão de estado de espírito. Se isso for verdade, então tenho cerca de 86 anos, acrescidos de 4 meses e 16 dias, os quais debito ao período extra que me foi roubado pela Marinha além dos 3 anos pelos quais havia me comprometido a ser fuzileiro naval. A verdade é que sempre fui um espírito velho, dissonando dos de minha idade. Desde a escola me sentia um pouco deslocado entre os colegas e agora mesmo, adulto, não me sinto a vontade falando com os de minha idade sobre coisas comuns ao clube dos tiozões como futebol e carros. Meus conhecimentos automobilísticos me permitem, no máximo, distinguir fuscas e kombis. O restante me parece tudo igual.

Por fim, a terceira é a mais ridícula de todas as armadilhas: a ideia de que a vida começa aos 40. Como assim? E tudo que fiz até hoje? Não conta? Quer dizer que até agora foi só um ensaio? Essa ideia de uma vida plena que ainda vai começar me parece ser uma grande falácia. Soa como a cenoura que faz o burro andar pra frente sem olhar para os lados, a promessa que jamais será cumprida.

Além disso, não há nada melhor do que envelhecer e se libertar das convicções que somente os jovens tem. Quando era jovem me parecia que o *modus operandi* da vida era fácil. Era só fazer exatamente o oposto do que fizeram meus pais e as coisas se ajeitariam. Assim fiz, para no final perceber o quanto deles há em mim. Diferente do que acontecia quando era mais jovem, hoje já não me sinto na obrigação de saber tudo. Que alívio!

Obs: estas singelas reflexões foram feitas a partir da leitura da crônica “Me chamem de velha” de Eliane Brum (A menina quebrada, 2016 – Arquipélago Editorial).

O inimigo entre nós

Não lembro muitos detalhes daquele distante dia em Julho de 1999 além de que fez um frio desgraçado durante a madrugada na Barra do Rio Grande. Sensação térmica negativa, com certeza. O vento minuano, inclemente, balançava a guarita de concreto de onde fitávamos o nada, vigiando o quartel. Não havia inimigos, nunca houve. Nossa maior preocupação era não deixar o gado entrar e não sermos pegos desatentos pelo sargento que fazia a ronda. Porém, justo naquele dia, uma vaca invadiu o perímetro e deu uma cagada homérica bem em frente à sala do comandante.

Quando o sol nasceu estávamos todos lá, perfilados no gramado em frente à Sala de Estado tomando um esporro desmoralizante do oficial de serviço. Havia geado e a grama estava totalmente branca, congelada. O sol nascente derretia o gelo, que por sua vez molhava o coturno, enregelando até a alma.

A questão era: por onde entrou o bovino? Pelo meu posto garanto que não foi, porque as vacas que por lá se aventuraram procurando uma brecha na cerca foram devidamente repelidas à pedrada. Entretanto, algum outro soldado desatento—que estava dormindo ou se masturbando na guarita—deixou um bovino entrar e defecar bem pertinho da janela do comandante. E por causa do maldito “espírito de corpo” que os fuzileiros navais tanto falam, pagam todos. Não acho justo. Fiquei horas congelando naquele frio desgraçado, brigando contra o sono, pra agora tomar esporro. E ainda tivemos que recolher a bosta da vaca, obviamente.

- E se fosse um inimigo? E se fosse um comunista?—inquiria o tenente.

Se ele argumentasse que poderia ser um ladrão querendo roubar meu fuzil, eu até entenderia e daria razão. Acontece muito no Rio, dizem. Mas um comunista?! Pelo amor de Deus! Iria roubar o fuzil pra quê? Pra implantar uma ditadura do proletariado no Brasil? A farsa do Plano Cohen foi desmontada há anos e o muro de Berlim caiu há uma década.

- Já pensaram que ao invés de uma vaca poderia ter sido um guerrilheiro do Araguaia?—prosseguia o tenente com seus argumentos geniais.

Apesar de insone e com o cérebro embotado pelo frio, faço uma rápida conta mental e concluo que qualquer guerrilheiro que tenha sobrevivido ao Araguaia e quisesse invadir esse quartel no cú do mundo teria, no mínimo, uns 50 anos. Acho pouco provável. Além disso, com o frio que fez, provavelmente o idoso guerrilheiro teria uma crise de artrose ou contrairia uma pneumonia antes de conseguir lograr êxito na invasão.

- Me digam! E se fosse um inimigo?—pergunta o tenente.

Sinto vontade de dizer a ele que o único inimigo que conheci na Marinha veste o mesmo uniforme que eu. Sinto ganas de berrar que temo mais a um sargento ou oficial de riso fácil que prejudica a carreira de um soldado por puro sadismo do que qualquer comunista ou guerrilheiro.

Em dias assim o sangue ferve e amaldiçoo o dia em que vim parar nessa máquina de moer gente que é a Marinha. Lembro o dia em que cruzei esse pórtico sonhando me tornar soldado de uma tropa de elite. Aos poucos fui me dando conta de que, há sim, entre os fuzileiros navais grandes profissionais, grandes soldados, mas são minoria. A grande maioria é composta de gente medíocre e covarde que vive em um mundo paralelo, onde divisas e postos são salvo conduto para abusos de autoridade inimagináveis, verdadeiras torturas psicológicas.

A Marinha é uma máquina ineficaz cujo combustível são sonhos e ilusões de jovens. Dia a dia vamos embrutecendo e o coração fica duro como rocha. Ineficácia elevada a enésima potência, ordens absurdas, tradições ultrapassadas. A Marinha é movida por um motor que converte nossa juventude em nada.

Provavelmente o ódio que me corroía transpareceu em meu rosto, pois o tenente interrompeu seu discurso, parou em minha frente e a mim se dirigiu:

- Algo a dizer, soldado Barth?

-Não, senhor—respondo engolindo a raiva, ingerindo minha dose diária de veneno.

Próximos pelo lixo

Jorge revirava o lixo do 231 à procura das latas de Budweiser. Aqui estão! Definitivamente, a fase da Stella Artois havia passado. Ontem foram só duas. Doutor não gosta de beber muito nas quartas. Amanhã é dia de aparecer a garrafa de uísque no lixo, embora nas últimas semanas esse padrão tenha variado um pouco. Antes as garrafas duravam exatos sete dias. Nas últimas duas semanas duraram cinco e quatro dias, respectivamente. Será que Doutor estaria com algum problema no trabalho? Ou seria no casamento?

Estava preocupado. Já estava acostumado com as caixas de rivotril de Madame no lixo, mas nas últimas duas semanas—que coincidência!—começaram a aparecer também caixas de fluoxetina. A moça da farmácia havia explicado a Jorge que esse remédio é para quem sofre de tristeza. Das bravas. Naquela noite Jorge nem dormiu direito preocupado com Madame. Estava tomando coragem para abordá-la e recomendar que tomasse chá de arruda e erva de São João. Não tem erro, garantia ele. E ainda livraria ela de tomar esses remédios que acabam viciando o paciente.

O problema deve ser o menino! Sabia que isso um dia viria à tona... Havia três meses que as seringas começaram a aparecer no lixo, sempre bem escondidas, mas não o suficiente para escapar ao crivo de quem busca o sustento no que os outros não querem mais. Jorge havia questionado Dogão se era ele quem estava vendendo drogas ao menino do 231. O traficante disse que não, que aquela área não era dele, era do Comando Vermelho. Além disso, o esquema dele era pó e fumo. Esse negócio de injetável era coisa de elite. Jurou por Deus que não tinha nada a ver com isso, que tinha muito respeito por Seu Jorge e jamais mentiria pra ele. Deve ser verdade. Conhecia Dogão desde criancinha. Havia morado com a mãe dele há muito tempo atrás, mas não haviam se acertado. Mesmo assim conservava um carinho especial pelo antigo enteado.

Deve ser isso mesmo. Ou talvez a preocupação de Doutor e Madame seja a menina. Quando começaram a aparecer os preservativos escondidos no lixo, Jorge naturalmente desconfiou do menino, que já estava na idade de ir pro quartel. Modo de falar, obviamente, pois meninos ricos não vão pro quartel. Eles vão pra faculdade para virar doutor. Além disso, a menina é muito nova. Não faz muito tempo que virou mocinha. Fazem apenas quatro meses que começaram a aparecer os absorventes do dia 15 do mês. Os absorventes que aparecem entre os dias 20 e 25 são de Madame.

Entretanto, na semana em que Doutor havia viajado com o menino para fazerem exames—o nome do exame era vestibular, de acordo com o jardineiro—em São Paulo, os preservativos apareceram todos os dias no lixo. Jorge ficara preocupadíssimo. Madame parecia uma mulher distinta, daquelas que jamais se deitaria com outro. E a menina era muito nova! Seria possível que a danada já estivesse aprontando? Lá na comunidade elas começam cedo, mas essas meninas bacanas são diferentes.

Não sabia o que fazer. Já não dormia direito. Nessas horas é melhor ouvir as pessoas mais sábias. O pastor havia aconselhado a Jorge que caso desconfiasse de algo grave, era seu dever tomar uma atitude. Jesus não havia morrido por nós para que agora ele se acovardasse e se esquivasse às suas responsabilidades. Inclusive, de pagar o dízimo.

- São membros da sua família?—perguntou o pastor

- Bem... De certa forma, são.

Sabia que era um exagero, mas não era de todo falso. Buscando o sustento em meio ao lixo, Jorge acompanhava o dia-a-dia da família há meses. Conhecia sua rotina e suas preferências. Se considerava, de certo modo, um amigo da família. Admirava Doutor por ter uma família de comercial de margarina. Havia criado, em sua mente, toda uma trajetória da ascensão social de Doutor, desde os tempos duros na faculdade até o cargo gerencial na empresa. Meritocracia, era o que o pastor sempre falava.

Estava decidido. Embora fossem temas delicados, precisava falar com um deles. Se fosse com ele, não gostaria que lhe contassem? Mas é melhor falar com Madame, refletiu. Mulher sempre tem mais tato nesses momentos.

No outro dia pela manhã Jorge estava lá, revirando o lixo atrás das latinhas. A garrafa de uísque também estava, como previu. Naquele dia estava demorando mais que o costume, esperando a deixa para cumprir com sua obrigação de amigo e cristão. Pontualmente, Madame saiu de casa às oito. Fazia pilates às segundas e quartas e yoga às terças e quintas, sempre nos mesmos horários. Duas vezes por mês trocava a aula pelo motel com Arnaldo, quando a esposa dele tirava plantão na cidade vizinha.

- Madame, por favor, se tiver um tempinho... se não for incomodar...

- Desculpa, moço, mas estou atrasada.

- Eu prometo, Madame, que é rápido...

- Realmente, moço, estou muito atrasada hoje.

Ana Cristina estava com o coração na boca. Meu Deus! Era só o que faltava. Ser abordada na saída de casa por um catador. Ela já havia falado a Moacir que pagasse o tal do vigia particular. Era um pouco caro, mas era só combinar com os vizinhos e ratear o custo. No final, todos saíam ganhando e não ficava pesado pra ninguém. Esse bairro já não era o mesmo desde que fizeram aqueles condomínios de gente pobre no final da rua.

Estava horrorizada. Não podia suportar aqueles favelados que ficavam revirando seu lixo. Tudo bem que eles pegavam as latinhas para vender, e muitas vezes algumas sobras de comida. Mas alguém deveria identificar e botar um crachá nesse povo. E se houvesse um bandido entre eles?

Naquela noite, mais uma vez, Jorge não conseguiu dormir. Não por ter sido ignorado ou humilhado, quanto a isto já estava acostumado. Naquela noite, Jorge não dormiu por não ter conseguido ajudar.

O espelho do cego

Certo dia apareceu na Barra de Tramandaí um cego. Não se sabia de onde vinha ou se tinha parentes vivos, até porque qualquer menção às palavras família ou terra natal o levava às lágrimas. A descoberta de que os cegos também choram foi a primeira grande quebra de paradigma na minha vida, que contava na época oito anos de idade. Mesmo assim, ainda estava em vantagem sobre minha irmã. Ela acreditava que os cegos, quando usavam óculos escuros, enxergavam.

Concordaram os populares que era melhor deixar em paz o pobre cego. Já não bastava o sofrimento de não enxergar, não era de bom tom ficar inquirindo o moço sobre um passado possivelmente triste. Tenhamos compaixão. Olhem a cara desse rapaz! Traz estampado no rosto as marcas, digamos assim, de quem já fora muito castigado pelas intempéries da vida. Envelhecido como um bom uísque, mentiam tentando aplacar o sofrimento do pobre infeliz.

A única informação dada por ele é a de que a cegueira interrompera uma promissora carreira como atacante no Aimoré de São Leopoldo. “Me comparavam ao Escurinho, do Internacional. Aí veio a cegueira, do nada...”, chorava o cego. Que lástima! Poderia ter ido jogar em algum time grande. Quiçá ser convocado para a seleção brasileira!

Sabidamente, o cego havia batido na porta de gente humilde. Se tivesse pedido ajuda à gente de posses, seria escorraçado ou recolhido à cadeia por vadiagem. Curiosamente, riqueza e solidariedade costumam ser medidas inversamente proporcionais. Entre os humildes, não faltou quem se compadecesse do rapaz. “Por hora, dorme na minha casa”, prontamente alguém disse. “Depois, construímos um barraco para ele” emendou outro.

Foi algo bonito de se ver o empenho da comunidade para ajudá-lo. Foi daquelas experiências que nos fazem ter fé na humanidade. Com a ajuda de todos foi construído um barraco em meio às dunas, na beira mar. Terra de propriedade da Marinha, necessário registrar. Mas em meio a tantos posseiros, um a mais ou a

menos não fazia a menor diferença. Os poucos móveis foram doados pelos vizinhos. E lá o rapaz passou a levar sua vida espartana. Sem luxo algum, mas era o máximo que aquela gente poderia fazer por ele. Além disso, dizem as más línguas, não faltava uma ou outra moça da comunidade que o fizesse companhia nas noites mais frias.

O cego foi completamente integrado na comunidade. Sempre filando um café aqui, um almoço lá. Pendurava os artigos de necessidade básica - cachaça e cigarro - no armazém de Seu Manoel. Prometia pagar quando saísse sua aposentadoria por invalidez no INSS. “O advogado falou que ainda esse ano sai, Seu Manoel. Aí lhe pago tudo que devo”, prometia. “Sem problemas”, respondia o dono do botequim, sem muitas esperanças de algum dia ver esse dinheiro.

O inverno veio e com ele o temido vento minuano. O barraco, apesar de ter sido construído com toda a boa vontade, carecia dos requisitos mínimos de engenharia. Cálculo estrutural? Alicerce? Nem pensar. Durante uma noite de tempestade, a rústica morada não resistiu ao vento e ruiu tal qual um castelo de cartas.

Com os primeiros raios do sol correu pela vizinhança a notícia. Todos correram para acudir. Lembro de ter chegado no alto da duna, em meio aos escombros, e ter encontrado todos constrangidos por algum motivo. O morador do barraco não estava. Tinha ido embora deixando para trás o pouco que tinha. Olhando os pertences do cego, com a inocência que só as crianças tem, foi eu quem falou o que todos queriam dizer mas não tinham coragem:

- Para quê um cego precisa de espelho?

Foi a senha para uma explosão de fúria. “Safado! Farsante!”, gritavam os populares. “Abusou de nossa confiança, aquele sem vergonha!”. Eu, que já havia aprendido que os cegos também choram, ainda levei muito tempo pensando se era possível ao cego se enxergar no espelho.

Do suposto deficiente visual, nunca mais se soube. Provavelmente rumou de madrugada mesmo para a rodoviária e partiu para ser cego em algum outro lugar.

Em conexão

Mais um voo a trabalho, mais uma escala, mais uma conexão.

Passageiros em conexão serão orientados por nossa equipe em terra, lembra a comissária.

Ser um passageiro em conexão é o oposto de estar conectado. É um não pertencer àquele tempo e lugar, é uma espera límbica.

O passageiro em trânsito é cidadão de lugar nenhum. Não tem comprometimento, não ama ou odeia. A indiferença é sua marca.

O nativo vive o local. O imigrante tenta se adaptar. O exilado sente saudades da terra natal. O deportado sente mágoa e raiva.

Todos se humanizam através do sentimento. Já o passageiro em conexão só sente apatia.

A mancha sombria

Levou mais de um mês para a mancha escura entre as pedras do calçamento sumir. Essa demora foi devida, em grande parte, ao clima seco do inverno fluminense no ano de 2018. Espreitei ansioso a previsão do tempo por aqueles dias na esperança de que os céus mandassem uma chuva que lavasse aquele borrão preto no chão – é estranho como o sangue fica enegrecido quando seco – e levasse consigo a imagem do rapaz coberto por uma lona.

Foi num sábado de céu azul, quando voltava para casa, que deparei com o policial no meio da rua desviando o trânsito do corpo sem vida estirado próximo ao meio-fio. Mais ou menos do ponto onde suponho que era sua cabeça escorria um filete de sangue que descia morro abaixo ajudado pela força da gravidade, tingindo as pedras, britas e terra de vermelho escuro. De seu corpo coberto só era possível avistar os pés. Calçava sandálias e usava uma tornozeleira com as cores da Jamaica.

Talvez em uma cidade grande como o Rio ou São Paulo um morto a mais ou a menos não seria nem notado, podendo mesmo passar despercebido. Mas aqui no interior, felizmente, isso ainda não virou rotina e as pessoas mantêm um resquício de humanidade. Talvez por isso a notícia tenha corrido rápido e chamado a atenção da vizinhança. Curiosos, entre eles muitas crianças, vinham para ver o corpo. Fui para minha casa, que é próxima, sentindo um certo mal estar. Cerca de três horas haviam se passado e da janela de minha sala comecei a perceber urubus voando em círculos no céu acima do local onde havia ocorrido o crime. O corpo ainda estava lá e as aves de rapina planavam no alto esperançosos de que os humanos talvez lhes deixassem aquele banquete.

Os dias passaram e correu a notícia de que o assassinato ocorrera devido a uma dívida não paga com o tráfico. Para os homens de bem - cidadãos de classe média pagadores de impostos e tementes a Deus - o crime em si, embora lamentável, estava justificado. Bandido bom é bandido morto, dizem eles. Felizmente não me enquadro no perfil dessa gente “de bem”. Humanista que sou, acredito que toda vida humana é

sagrada. Durante os dias seguintes, sempre que passava por aquele local, meu olhar inevitavelmente era atraído pela pústula de sangue no chão. A lembrança de que um ser humano havia sido executado ali me perturbava. Aquela negra nódoa lá estava para me lembrar que violência e morte são assuntos mais próximos do que gostaríamos. São realidades inconvenientes a nos lembrar nossa humana condição.

Passavam-se as semanas e ela lá permanecia, teimosa, embora um pouco menos nítida agora. Já se tornara imperceptível para a maioria dos passantes, mas para mim era o suficiente para lembrar que aquele borrão era a testemunha de um homicídio. Felizmente na segunda quinzena de Julho os ventos alísios trouxeram a tão aguardada frente fria e a chuva caiu, forte, dissolvendo a mancha, purificando a terra, aplacando a sede das plantas, levando consigo a lembrança do rapaz assassinado.

Café de sapo

Naquele dia estava saindo de serviço e tive de ouvir do oficial de serviço um esporro desmoralizante por causa de uma vaca que, aproveitando um buraco na cerca do quartel, invadiu o perímetro da organização militar para dar uma cagada homérica bem em frente a sala do comandante. Apesar de não ter nada a ver com o assunto, tive que ajudar a limpar a bosta da vaca.

Entre no rancho puto da vida, peguei meu pão e servi a primeira caneca de café. Passei pela mesa dos Comanfs, pela mesa dos Cabos, do pessoal da II/96, dobrei à direita e, finalmente, me instalei na mesa da minha turma, a I/98. Pra quem não sabe, essa questão da divisão das mesas é uma questão seríssima na Marinha. Você só pode sentar na mesa dos seus pares, seus colegas de recrutamento, como se fosse um clã. É um código não escrito, mas respeitado por todos.

Matias contava que naquela noite havia comido a ex-noiva, que agora era esposa de um soldado novato, com quem havia chifrado o próprio Matias quando estes eram comprometidos. Agora, na visão dele, a vingança consistia em retribuir o par de guampas recebidas da ex-noiva e atual amante, e o fazia em um complicado esquema de revezamento com um outro soldado amigo do chifrudo e um terceiro, este do Exército. Os três parceiros na empreitada amorosa tinham uma tabela onde os dias de serviço do marido da moça eram preenchidos pelos três mosqueteiros na seguinte ordem: primeiro meu amigo Matias, afinal ele foi noivo da disputada amante e isso deve valer de algo, depois o melhor amigo do marido traído e, por fim, o representante do glorioso Exército Brasileiro. Aproveitei uma breve pausa no enredo *nelsonrodriguiano* e contei o caso da vaca. Deram risada da minha cara.

Levantei e fui buscar a segunda caneca de café. Hoje é dia de pedir pro sargenteante uma faxina mais leve. Saindo de serviço da guarda interna a disposição é quase nula. O café ficava disposto dentro de uma cuba de alumínio em uma rampa. Peguei a concha e servi até quase transbordar a caneca. Voltei para a mesa. O assunto agora era outro: um cabo que flagrou sua mulher o traindo com uma sargento enfermeira

do 5º Distrito Naval e, habilmente, transformou o flagrante de adultério em um *menáge-a-trois*. É impressionante como naval tem fixação por chifre.

Sentei na mesa e me interei do assunto. Estava já no final da caneca quando um soldado gritou algum impropério que chamou a atenção de todos. Nos voltamos e vimos o dito soldado, em frente a cuba de café, usar a concha para lá de dentro tirar um enorme e inchado sapo. Ante olhos incrédulos ele exibia o sapo dentro da concha, fazendo movimentos circulares para que todos vissem seu trófeu, assim como faria um conquistador medieval que quisesse exibir a cabeça de um rei morto ao exército vencido.

Foi uma explosão de xingamentos misturados com risadas. Alguns cuspiram o café que estava na boca, a maioria simplesmente deixou a caneca de lado. Olhei para minha caneca de café, teci algumas breves considerações sobre a finitude da vida, e sorvi todo o restante do líquido de um só gole.

Sobre perguntas, questionamentos e um pai em apuros

Criança gosta de perguntar. Questiona tudo sobre todo assunto. Meu filho João Paulo sempre foi pródigo nesse quesito. Deve achar que sou algum terminal do Google tal a quantidade de questionamentos que me faz. E isso vem de longa data, desde quando estava aprendendo a falar. Eu, pai de primeira viagem, sabia quão importante era ter paciência e tentar responder às suas questões sob pena de podar sua curiosidade. Só não imaginava que seria tão difícil.

Creio que fui relativamente bem sucedido nessa questão. Obviamente tive meus dias ruins onde o que queria mesmo é mandar um “vai brincar e não me encha o saco!” Sei que é difícil acreditar, mas pais também são humanos. No entanto, respirava fundo e tentava, no limite de minhas possibilidades, responder às suas inquietações filosóficas, tais como saber por que motivo o Batman usa uma capa se o mesmo não voa ou quem seria mais poderoso: Deus ou Super Homem? Questões interessantíssimas essas, que demonstram a argúcia de uma criança curiosa.

Outra questão interessante era uma observação feita por João a qual batizei como o “Dilema do Incrível Hulk”. A questão começou com a seguinte pergunta:

- Paiê, o Hulk usa sapatos?

- Sim, os usa quando é o Bruce Banner - respondi achando que a questão estava finalizada. No entanto, Joãozinho estava apenas começando a formular sua teoria.

- Veja bem – argumentou o pequeno inquisidor - ele usa sapato mas sempre tem os sapatos rasgados quando se transforma no Hulk. Não seria melhor usar umas sandálias havaianas?

Por um momento fiquei perplexo. Como não havia pensado nisso antes? No entanto, procurei argumentar sobre outro ponto de vista. Afinal, temos que pensar que o Hulk quando não está transformado é um cientista. Então, talvez, não seria muito apropriado ao Dr. Bruce Banner ficar perambulando pelo laboratório de sandálias. O que diria o mundo acadêmico? No entanto, era inegável que acabava tendo gastos

consideráveis com a compra de sapatos que eram inutilizados a cada transformação. Era um verdadeiro dilema.

E assim me mantinha sempre em relativo estado de alerta, nunca totalmente relaxado, sempre pronto para responder questões acerca do Hulk, Batman, Deus ou Dragon Ball. No entanto, ainda não estava preparado para o que veio...

- Paiê!

- Sim, filho?

- O que é *gay*?

Quase caí pra trás. Me pegou totalmente desprevinido. Assuntos relacionados à sexualidade estavam completamente fora da minha programação pelo menos pelos próximos dez anos. Pensei em simular um ataque cardíaco para fugir à questão. Miraculosamente consegui recobrar a calma, respirar fundo e sair pela tangente:

- *Gay* é “alegre” em Inglês...

- Só isso? – grandes olhos castanhos me olhando incrédulos.

- Sim, só isso...

O menininho de olhos grandes e cabelos loiros cacheados ficou pensando por um tempo que pareceu uma eternidade. Imaginava que concluiria algo como “se *gay* é alegre, então sou *gay*”. Ensaiaava mentalmente respostas a todos desfechos possíveis e imagináveis que a conversa poderia tomar. A pequena mente viajou sabe-se lá por onde e, após uma longa reflexão, inesperadamente concluiu:

- Eu sou preguiçoso...

- Tudo bem, meu filho... tudo bem ser preguiçoso... – respondi aliviado por ter conseguido postergar esse tipo de conversa.

Reconheço que fui covarde e simplesmente fugi do assunto. Sei que não poderei protelar pra sempre esse tipo de conversa, só peço um tempinho para me preparar melhor. Prometo ter uma discussão franca sobre sexualidade com ele assim que ambos estivermos prontos. Planejo termos essa conversa séria, de homem pra homem,

impreterivelmente em algum momento entre a formatura da faculdade e o casamento.
Até lá espero estar preparado.

Marcelinho

No final da década de 80, na Barra de Tramandaí, não tínhamos um local adequado para jogar futebol. Jogávamos em um local identificado por uma pichação na parede como “Beco do Lazaro”. Assim mesmo, Lazaro, sem acento agudo no primeiro a. Caso o tivesse, poderia ser aquele a quem Jesus ordenou “levanta-te e anda!”. Mas como nesse caso comprovei nos rabiscos da parede - com meus próprios olhos - a ausência do dito sinal gráfico, deve se tratar de outra pessoa. Ou ainda, talvez, a ideia tenha sido efetivamente homenagear ao personagem bíblico ressuscitado, porém tenha faltado o necessário conhecimento de gramática ao pichador. Quem saberá?

A bem da verdade, tecnicamente, não era um beco. Ele tinha uma passagem que interligava a avenida Beira Mar à rua detrás da escola, a qual não recordo o nome. Era um tanto quanto estreita, é verdade, mas era uma passagem. Beco ou não, com acento agudo ou não, o fato é que aquele era nosso Maracanã. Ou melhor, nosso Beira Rio ou Olímpico, pois como bons gaúchos já éramos bairristas naquela tenra idade.

O futebol no beco - ou futebeco, como o chamávamos – tinha apenas duas regras e eram muito simples. A primeira dizia que o jogo só parava no caso de fratura exposta ou traumatismo craniano. No caso de qualquer outra contusão, e eram muitas, o jogador era imediatamente substituído pelo jogador que estava de fora esperando “a vez”. A segunda regra dizia que a bola só saía na linha de fundo. Portanto, era absolutamente legal tabelar com as paredes do beco. Tínhamos alguns jogadores que eram exímios nessa arte. Não passavam a bola pra ninguém, só tabelavam com a parede. Às vezes esse excesso de individualismo acabava em briga.

Marcelinho era o dono da bola. Uma bola de couro legítimo número cinco. Possuir uma bola de couro, naquela época, era sinal de distinção e status. Muito mais do que um *iPhone* ou um BMW nos dias atuais. Esse poder costumava transformar seus donos em pessoas arrogantes, cheias de empáfia. Verdadeiros tiranos das peladas de rua. Nunca saíam do time, escolhiam os melhores jogadores para ficar em sua equipe, acabavam

com o jogo quando não concordavam com a marcação de uma falta. Felizmente, isso nunca ocorreu com nosso amigo.

Jogar em um grande clube, o Inter ou o Grêmio, era o sonho de todos. Não era diferente com Marcelinho, obviamente. O problema é que ele, a despeito de sua paixão pelo futebol, tinha graves problemas físicos. Tinha as pernas tortas. Não exatamente como as de Garrincha, mas em um grau muito mais acentuado. A dificuldade para andar e correr era tremenda, lhe exigia um esforço sobre-humano.

Jogando com suas pernas tortas, sempre com uma camisa do tricolor gaúcho, o menino sonhava um dia pisar o gramado do estádio Olímpico. Mesmo com a sinceridade brutal das crianças – e éramos crianças um tanto quanto rudes - não recordo de alguma vez alguém ter lhe dito que aquilo era impossível. Como poderia alguém com graves problemas físicos se tornar um atleta profissional? Como ele seria um jogador de futebol se mal conseguia correr?

“Um dia serei jogador profissional. Jogarei no Grêmio!”, dizia confiante, a bola embaixo do braço, as pernas formando um arco. E todos nós abaixávamos a cabeça e fitávamos o chão sem coragem de olhá-lo nos olhos.

Quarentena

Só fui me dar conta da gravidade da situação quando a Testemunha de Jeová não bateu em meu portão no domingo pela manhã. Nem mesmo quando o soldado lacrou meu portão, impedindo definitivamente minha saída, me senti tão desolado quanto naquele momento. Se nem mesmo aquele senhor que tentava salvar minha alma do purgatório nas manhãs dominicais retornou, pareceu-me claro que até mesmo Deus havia me abandonado.

Passo meus dias no sofá vendo as notícias. São desanimadoras, tristes. Às vezes assisto um pouco o canal do governo. Parece que transmitem de um país diferente deste nosso. Lá está tudo sob controle. Lá é só uma gripezinha. Sei que são mentiras, mas às vezes a gente precisa se iludir um pouco pra vida se tornar menos insuportável, não é?

Uma vez por semana faço uma videochamada com o que restou da minha família. No começo da pandemia eram diárias. Porém, com o passar das semanas elas começaram a ficar mais espaçadas. Durante cerca de 15 minutos falo com meu filho que não me suporta — não o culpo — e com meus netos que não me amam. Adoro vê-los, mesmo sabendo que o sentimento não é recíproco. Sejamos francos, nunca lhes dei a devida atenção. Pois é, gostaria de voltar no tempo e consertar algumas coisas. Gostaria de ter a oportunidade de corrigir tudo o que fiz de errado. Entretanto, sei que não terei essa oportunidade.

Sigo vivo, contrariando as estatísticas. Todo o bairro foi evacuado, somente os velhos ficaram pra trás. Na minha rua sou o único que ainda vive. Além dos soldados vestidos como astronautas que me trazem comida — e não falam comigo — o único que ainda passa por aqui é a Testemunha de Jeová, que não veio hoje. Espero que ele esteja bem.

Talvez ele tenha tido algum contratempo. Talvez retorne na próxima semana para tentar salvar esta alma cética do purgatório. Espero que venha. Não porque eu queira me converter, mas porque não suporto mais essa solidão.

Catimbau

Uma das recordações que levo da infância é o vento nordeste. O chamávamos, respeitosa e pacificamente, de nordestão. Nunca chegava pacificamente, sempre com violência. Vinha para nos mostrar que era mais forte e éramos insignificantes. Levava os guarda-sóis e as tampas das caixas de isopor que guardavam a cerveja. Levantava saias e fazia os veranistas correrem para casa. Tombava os carrinhos que vendiam milho verde e desfolhava os exemplares de Zero Hora que a molecada vendia. Metia medo nos pescadores da barra do rio Tramandaí. Foi por culpa dele, em grande parte, que morreu Catimbau. Por culpa do vento nordeste e de um detalhe que lhe custou a vida.

Catimbau era um velho pescador. Ou será que minhas memórias me traem e o apresentam em minha recordação mais velho do que realmente era? Que idade teria quando faleceu? Nunca saberei. Nem seu verdadeiro nome, ao menos, sei. Tampouco conheço a origem de seu apelido. Talvez fosse apenas um homem dos seus quarenta e poucos anos brutalmente envelhecido pela vida dura e pelo vento inclemente. Em minhas lembranças de criança vejo um senhor de cabelos sujos, encaracolados e desgrenhados. Os dentes desalinhados e amarelados pela nicotina. Vejo-o sempre rindo. Creio que nunca o vi de mau humor ou triste. Tinha um grande coração, o Catimbau.

Possuía um senso de humor formidável. Sua visita diária ao boteco era folclórica. Religiosamente, quando voltava do mar, passava no bar de meu tio Norberto com o pretexto de esquentar o coração ou refrescar a garganta, beber para esquecer ou para recordar, comemorar ou afogar as mágoas, ou qualquer outra justificativa de seu vasto repertório para encher a cara. Vinha com o blusão de lã desfiado e uma surrada touca do Grêmio, também de lã, por onde tentavam escapar seus cabelos rebeldes. Eles, os cabelos, escapuliam por baixo da touca e se projetavam para o céu desafiando as leis da gravidade.

- Me dá uma cachaça – pedia.

- Um pente? – questionava Norberto fingindo-se de surdo. A mão em concha ao redor do ouvido. O corpo curvado.

- Não. Uma cachaça – elevava a voz o cliente.

- Ô, nega! Traz um pente pro Catimbau – gritava o dono do botequim para a esposa.

- Não, caralho! Quero uma cachaça! – o cliente, por fim, aos berros.

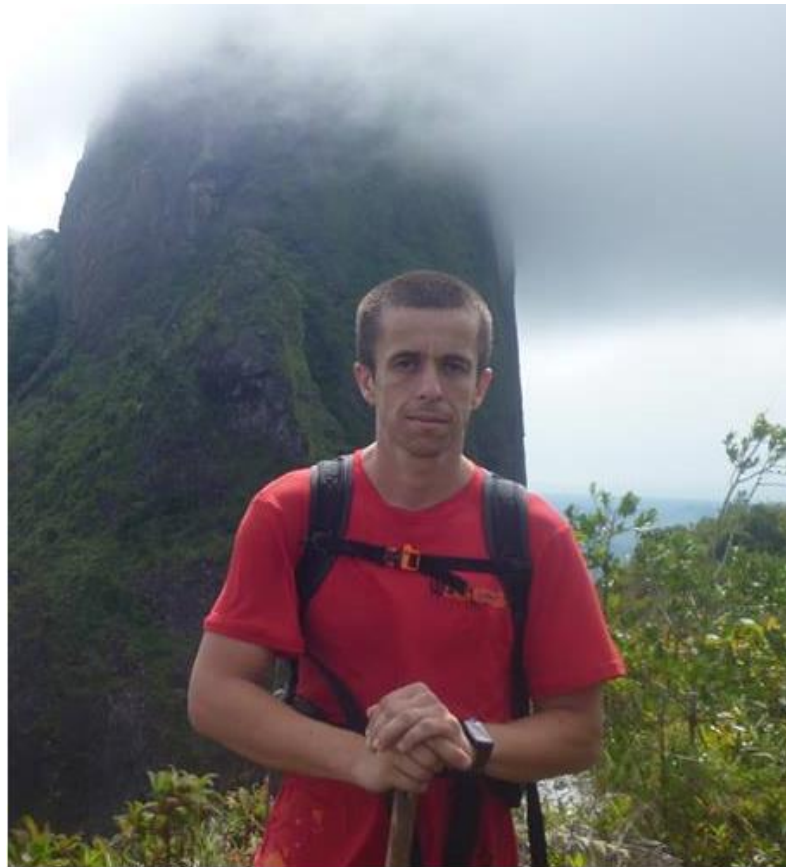
Todos riam, principalmente o dono do boteco enquanto servia três dedos de aguardente no copo enebado. Bebia sua pinga e seguia pelo bairro vendendo seu pescado. Ao final da tarde, todos os dias, nosso futebol – que era disputado em um beco! – sofria uma baixa. Milton, filho de Catimbau, tinha a tarefa de ensinar o pai a ler. Lá ia o guri, revoltado. *“Não adianta, mãe. O pai é burro. Ele nunca aprende.”* Certamente essas duras palavras ditas no passado hoje doem em seu coração. Mas ele era um bom menino. Só não tinha a sabedoria, ainda, de perceber que o pai não era burro. Era um herói.

Um dia saiu para pescar e não voltou. O nordestão chegou muito rápido, surpreendendo até mesmo os velhos lobos do mar. A embarcação naufragou na saída da barra, onde o mar é traiçoeiro. Catimbau lutou para salvar um companheiro que se afogava. O detalhe, que lhe custou a vida, era que não sabia nadar. Nunca aprendeu. A despeito disso, morreu tentando salvá-lo pois era seu dever. Era seu destino. E o destino não liga para detalhes.

Posfácio

Escrevi esse livro como um expurgo de histórias e pensamentos que trazia guardados no peito e me sufocavam. Não houve método qualquer, tampouco técnica. Houveram períodos de trabalho frenético e ensandecido intercalados com largos períodos de bloqueio criativo.

Enfim, entreguei-lhes um pedaço de minha alma. Agradeço a todos que o leram.



Carlos Barth nasceu em São Leopoldo, Rio Grande do Sul, em 1979. Vive com a esposa e dois filhos em Macaé, interior do estado do Rio de Janeiro, onde trabalha como engenheiro. Teve trabalhos publicados em diversas revistas literárias, como *Philos* e *Subversa*, além de contos publicados em antologias. Além de aspirante a escritor, é um carateca dedicado e um budista relapso.